

Coleção Aventuras Grandiosas

Alexander Pushkin

# A DAMA DE ESPADAS

Adaptação de Rodrigo Espinosa Cabral

1ª edição

 EDITORA  
RIDEEL

## Capítulo 1

A longa noite de inverno passou veloz no salão da casa de Narumov, oficial da Cavalaria. Totalmente envolvidos pelos jogos de cartas, os convidados se surpreenderam quando a refeição foi servida, por volta das cinco da manhã. Os que haviam ganho estavam **FAMINTOS**. Já os perdedores mal tocavam na comida. Limitavam-se a deixar o olhar perdido nos pratos vazios. Somente quando os garçons começaram a abrir garrafas de champanhe é que a conversa ganhou **ÂNIMO**:

— E como você se saiu, Surine? — perguntou o **ANFITRIÃO**.

— Ah, eu perdi, como sempre. Devo ser o sujeito mais azarado do mundo. Mesmo me esforçando e mantendo a concentração, eu não consigo ganhar.

— E mesmo assim você não pensa em largar o **TAPETE VERDE**, né? Surine, sua perseverança me emociona!

— Mas, então, o que você pensa do Hermann? — disse outro convidado, apontando para um jovem engenheiro. — Ele nunca pôs uma carta nas mãos, nunca apostou um centavo e, mesmo assim, vem aqui, senta-se e fica até às cinco da manhã assistindo a nossos jogos.

Surpreso por ser **CITADO**, Hermann falou:

— Eu me interesso muito por jogos — disse o engenheiro —, mas não tenho condições de sacrificar o necessário na esperança de ganhar o **SUPÉRFLUO**.

— O Hermann é alemão, por isso é econômico e não há nada de errado nisso. Mas se há uma pessoa que eu realmente não entendo é a minha avó, a Condessa Ana Fedotovna — comentou Tomsy.

— E por que não? — um dos convidados perguntou.

— Eu não entendo por que ela não joga a dinheiro.

— Parece bem normal para mim o fato de uma senhora de oitenta anos não querer apostar seu dinheiro — **PONDEROU** Narumov.

— Acontece que ela não é uma velhinha qualquer. Não me digam que

- ↗ **FAMINTOS**: com muita fome, esfomeados
- ↗ **ÂNIMO**: motivação
- ↗ **ANFITRIÃO**: pessoa que recepciona convidados
- ↗ **TAPETE VERDE**: apelido do pano aveludado que cobre mesas para jogos de cartas
- ↗ **CITADO**: mencionado
- ↗ **SUPÉRFLUO**: algo que é desnecessário, que não é imprescindível
- ↗ **PONDEROU**: considerou, raciocinou



vocês não conhecem a história? — perguntou Tomsy, medindo seus companheiros com um olhar investigativo.

— Não faço a mínima idéia. Que história é essa? — perguntou o anfitrião enquanto os demais convidados faziam um silêncio ansioso, à espera da resposta.

— Então ouçam bem. Eu vou contar para vocês.

O grupo de jogadores se ajeitou em suas cadeiras e alguns até inclinaram um pouco o **TORSO** para que sua cabeça e ouvidos chegassem mais perto de Tomsy que começava a falar:

— Há muito tempo, uns sessenta anos atrás, minha avó foi a Paris, onde causou uma grande sensação. As pessoas a seguiam pelas ruas para vislumbrar a “**VÊNUS MOSCOVITA**”. **RICHELIEU** se apaixonou por ela e minha avó conta que ele quase se matou devido ao modo indiferente que ela o tratava. Naquela época, as mulheres costumavam jogar por dinheiro bem mais do que hoje em dia. Minha avó adorava participar dos jogos de cartas na alta sociedade de Paris. Meu avô, no início, **BANCAVA** esse prazer dela, mas como minha avó perdia freqüentemente, ele passou a reclamar dos gastos. Então, para poder continuar jogando sem aborrecê-lo, ela pediu uma grande quantia em dinheiro para o Duque de Orleães. Minha avó tinha um **PRESENTIMENTO** de que iria ganhar. Com o dinheiro do jogo, pagaria sua dívida com o Duque de Orleães e usaria o resto para jogar sem depender de meu avô.

— Nossa! Era bem moderna a sua avó, hein, Tomsy? — brincou um dos convidados.

— Era sim — respondeu o neto com orgulho.

— Mas e daí? Sua avó ganhou o jogo e o dinheiro? — queria saber Hermann. Tomsy retirou o sorriso de orgulho do rosto e falou:

— Ela perdeu tudo na mesma noite. Fracassou em todas as rodadas de carteadado.

O grupo de jogadores, antes animado, agora ouvia Tomsy com um silêncio triste:

- ✂ **TORSO**: peito
- ✂ **VÊNUS**: antiga deusa grega do amor, famosa por sua beleza.  
A palavra é usada como sinônimo de mulher bonita
- ✂ **MOSCOVITA**: nascido(a) em Moscou, na Rússia
- ✂ **RICHELIEU**: cardeal influente na França do século XVIII
- ✂ **BANCAVA**: sustentava
- ✂ **PRESENTIMENTO**: intuição





— Quando chegou em casa, minha avó comunicou o ocorrido ao meu avô e ordenou que ele pagasse a dívida. Tiveram uma discussão calorosa. Ele estava cansado de pagar as dívidas de jogo dela. Pelas contas dele ela havia consumido algo em torno de meio milhão de **FRANCOS** em seis meses e, mesmo temendo a reação dela, se recusou a pagar a dívida. Ela deu uma forte bofetada na orelha do marido e foi dormir sozinha para demonstrar insatisfação.

Como as pessoas pareciam interessadas na história, Tomsky continuou:

— No dia seguinte, minha avó procurou novamente meu avô. Ela pensava que, por ter discutido com ele na noite anterior, ele estaria mais calmo e lhe daria o dinheiro. Mas, na verdade, ele estava aborrecido e novamente lhe negou o dinheiro. Desesperada, ela resolveu pedir auxílio para algum amigo e entrou em contato com o Conde de Saint Germain.

— O Conde de Saint Germain? — perguntou admirado um dos jogadores.

— Esse conde não era um aventureiro famoso? — perguntou Hermann.

— Sim, o próprio Conde de Saint Germain. Ele era uma figura fascinante. Dizem que era alquimista, que conseguia transformar chumbo em ouro. Há relatos de que Germain descobriu o **ELIXIR** da vida e é um imortal. Outros dizem que descobriu a pedra filosofal e outras maravilhas. Para algumas pessoas, ele era um espião, para outras um vigarista, mas o certo é que a sociedade francesa da época adorava a sua presença.

— Eu ouvi dizer que ele era ou é, *eheheh*, um sujeito **GALANTE** e conquistador de mulheres — comentou um capitão.

— Sua avó era amiga dele?

— Hermann, ela havia conhecido o conde na noite anterior, mas decidi lhe pedir dinheiro porque teria vergonha de acionar um amigo mais antigo para cobrir uma dívida de jogo. Além disso, muita gente dizia que o Conde de Saint Germain era muito rico e tais boatos condiziam com seus modos e roupas.

— E o conde emprestou o dinheiro? — quis saber um apostador mais apressado.

— Calma amigo, eu chego lá — respondeu Tomsky sorrindo. — Ao receber o convite para encontrar minha avó, o conde prontamente se dirigiu à sua casa. Com o seu jeito encantador, a *Vênus moscovita* contou sobre sua falta de sorte nas cartas e a frieza de seu marido em não querer solucionar o problema. O conde

- ✂ **FRANCOS:** moeda da França
- ✂ **ELIXIR:** bebida com propriedades medicinais
- ✂ **GALANTE:** bonito, belo

ouviu atentamente, orgulhoso com a possibilidade de salvar aquela linda mulher da vergonha da dívida. Quando minha avó terminou o relato, Saint Germain falou:

— Eu certamente poderia lhe emprestar a quantia necessária para pagar essa dívida. Contudo, penso que você não ficaria em paz enquanto não me pagasse e a última coisa que eu quero é causar preocupações que venham a marcar o seu belo rosto. Por isso tenho uma idéia melhor.

— Que idéia seria essa, conde? — perguntou minha avó com o coração aflito.

— Você pode ganhar seu dinheiro em uma nova aposta!

O sorriso tímido que minha avó trazia na boca desapareceu com a proposta do conde.

— Mas como vou reaver toda essa quantia se não me restou nada para iniciar um novo jogo?

O conde sorriu animado e disse:

— Mas não é necessário dinheiro, querida! Escute bem a minha idéia.

Tomsky olhou para os seus amigos jogadores. O sol frio do inverno começava a se espreguiçar atrás das janelas do salão. Com **SOLENI DADE**, Tomsky falou:

— O conde aproximou sua boca da orelha de minha avó e lhe revelou um segredo pelo qual qualquer um de nós aqui pagaria uma pequena fortuna. Naquela mesma noite minha avó compareceu ao palácio de Versalhes, onde seria realizado o **JEU DE LA REINE**. O Duque de Orleães estava presente. Quando ele se aproximou, ela deu uma desculpa qualquer por ainda não ter pago sua dívida e o convidou para uma nova partida. Confiando que poderia vencê-la mais uma vez, ele aceitou. O jogo estava bem disputado, até minha avó escolher três cartas **IMBATÍVEIS** em seqüência e vencer o jogo, **SALDANDO** sua dívida.

— Ah, isso foi sorte — disse um dos convidados.

— Não sei se acredito nisso — desconfiou Hermann.

— Vai ver as cartas estavam **MARCADAS** — sugeriu outro convidado.

— Eu penso que não — Tomsky respondeu seriamente.

✂ **SOLENI DADE**: pompa, formalidade

✂ **JEU DE LA REINE**: o jogo de cartas da Rainha da França, um grande evento social da época

✂ **IMBATÍVEIS**: que não podem ser batidos, vencidos, superados

✂ **SALDANDO**: pagando

✂ **MARCADAS**: previamente escolhidas em uma trapaça





— Espere um pouco, Tomsky — disse Narumov. — Você tem uma avó que sabe como **DESTRINCHAR** três cartas vencedoras em seqüência e ela nunca lhe contou o segredo de como fazer isso?

— Aí é que está o mistério de toda esta história, amigo. Ela teve quatro filhos. Meu pai e mais três, todos eles foram jogadores determinados e ambiciosos e mesmo assim nenhum deles conseguiu lhe arrancar o segredo das cartas.

— E quem lhe contou a história? — perguntou Hermann.

— Meu tio, o conde Ivan Ilitch, jurando sob sua honra que era uma história verdadeira. Ele também me contou que outro nobre, chamado Tchaplitzky, quando jovem, perdeu trezentos mil **RUBLOS** para o famoso jogador Zoritch. Minha avó nunca gostou das extravagâncias da juventude, mas teve pena do rapaz e resolveu ajudá-lo a vencer Zoritch, se ele promettesse nunca mais voltar a jogar após a vitória. Na mesma noite, Tchaplitzky jogou três cartas em seqüência e recuperou todo o dinheiro que havia perdido.

— Esse Tchaplitzky não é o mesmo milionário que ficou famoso por morrer na miséria? — perguntou Hermann.

— Sim, é ele mesmo, e se não me engano ficou **PAUPÉRRIMO** após voltar a jogar — confirmou Tomsky com seriedade. — Mas creio que agora é hora de irmos dormir, pois o sol já vai alto no céu.

Os convidados esvaziaram seus copos, despediram-se e foram embora.

## Capítulo 2

A velha Condessa olhava seu rosto em frente ao espelho. Aquele retângulo de vidro polido havia testemunhado o passar do tempo e as transformações em sua face. Sabia que, mesmo que se maquiasse e usasse diversos produtos de beleza, a pele não voltaria a ser firme e lisa, mas o simples fato de tratar de seu corpo a fazia se sentir bem. Três empregadas a auxiliavam na tarefa, alcançando o ruço, os prendedores de cabelo e um belo chapéu que a avó de Tomsky usaria naquela manhã.

Quando a Condessa e as empregadas deixaram o quarto, Lizaveta ficou sozinha, entretida com seu bordado, sentada em frente à janela para aproveitar a

- ✂ **DESTRINCHAR:** revelar, expor, mostrar
- ✂ **RUBLOS:** moeda da Rússia
- ✂ **PAUPÉRRIMO:** extremamente pobre

luminosidade de prata do dia parcialmente nublado. A janela no andar de cima do sobrado tinha uma bela vista dos telhados de São Petersburgo. Em uma pausa para descansar os olhos da tela, a garota desviou seu olhar para a rua. Seu estômago ardeu. Lá embaixo havia um belo rapaz, do outro lado da rua, perto da esquina. Ele tinha o rosto voltado para cima e olhava para a janela de Lizaveta. A surpresa de estar sendo observada fez que as bochechas da garota ficassem vermelhas. Um pouco perturbada, Lizaveta voltou a colocar os olhos no tecido, sem ousar levantá-los dali. Embora tivesse curiosidade, faltava-lhe coragem para levantar o rosto de novo e espiar pela janela. Era tímida.

Minutos depois, a Condessa voltava ao quarto:

— Estou pronta, **LIZANKA**. Pode chamar a carruagem.

Lizaveta saiu da janela, mas parecia aérea. Os olhos estavam distantes.

— Qual o problema com você, minha criança? Eu pedi que chamasse a carruagem!

Em um susto, Lizaveta viu seu estado de concentração desfeito e saiu do quarto, indo avisar o cocheiro. Quando voltou, a Condessa pediu que a garota vestisse algo mais adequado. Lizaveta tinha vontade de jogar tudo para o alto e se aproximar da janela, para ver se o homem ainda estava lá. Se ainda a olhava. Escolheu um vestido bonito. Quando saiu de seu quarto, sentia-se radiante. Pensava que iria sair de casa e que passaria na frente do desconhecido que lhe interessava cada vez mais.

A Condessa pôs os olhos no vestido da menina e notou que ela estava mais bonita do que o habitual:

— Onde você vai com esse vestido? Foi por causa dele que você me fez esperar? Saiba que o tempo está muito ruim hoje para esse tipo de vestido. Está ventando muito.

Vestindo chapéu e luvas, Lizaveta se sentia muito bonita para ficar aborrecida com as observações da Condessa.

— Perdão, Condessa, mas o tempo está ótimo hoje — disse o **VALETE** recém-entrado na sala.

— Meu caro, você nunca pensa antes de falar, não é mesmo! Abra a janela. Viu só? Está ventando, temos muitas nuvens e até mesmo um pouco de frio. Pode recolher os cavalos. Nós não vamos a parte alguma hoje.

— Sim, senhora — disse o Valete meio desapontado.

✠ **LIZANKA**: diminutivo de Lizaveta (Elizabete)

✠ **VALETE**: criado, empregado





Voltando seu olhar para Lizaveta, a Condessa proferiu:

— Pode mudar de roupa, Lizaveta. Nós não vamos mais sair.

— Ai, que vida a minha! — pensou a garota, enquanto se despia no quarto.

Realmente Lizaveta Ivanovna não era a criatura mais sortuda da Terra. Era difícil assessorar a Condessa. Ela não era uma pessoa má, mas havia acumulado tantas manias, tantos **CAPRICHOS** e tantas regras de conduta durante sua vida, que, muitas vezes, para conviver com ela era preciso uma paciência cavalariça. O assunto beleza incomodava a **ANCIÃ**. Intitulada *Vênus moscovita*, ela havia sido extremamente linda na juventude e na idade madura, mas na velhice seu esplendor havia ido embora. Não suportava ver a jovem Lizaveta bem arrumada dentro de sua casa ou passeando ao seu lado. A garota certamente iria chamar mais atenção do que a própria Condessa, e isso era inconcebível. Por isso cancelara o passeio.

Lizaveta era a **MÁRTIR** da casa. Cada vez que a Condessa tinha alguma reclamação de ordem pessoal ou algum tipo de angústia emocional, era a jovem que sofria. Se a Condessa ordenava um chá, Lizaveta o preparava e o servia, mas o chá ou tinha muito açúcar ou quase não tinha açúcar ou não estava bem quente ou estava muito quente. Se a Condessa ordenasse que ela lesse um livro, a história era ruim, os personagens fracos e a voz de Lizaveta muito baixa. Quando iam passear, o tempo estava frio, ou o calçamento irregular.

Pelo combinado, Lizaveta deveria receber um salário por suas tarefas, mas nem sempre a velha Condessa se lembrava de pagá-la. Uma única vez Lizaveta teve coragem para reclamar e ouviu um grande **SERMÃO** sobre normas de conduta e honestidade e acabou ficando sem receber, pois a Condessa disse que ela já havia recebido pelos serviços daquele mês.

Nos bailes a Condessa era uma espécie de decoração viva da sociedade moscovita. No início do evento, todos iam cumprimentá-la com grande reverência, mas depois ninguém mais reparava em sua presença. Ela era apenas uma formalidade. Lizaveta a acompanhava por obrigação. Todos sabiam que ela era empregada da Condessa e, por isso, não interagiam com ela. As mulheres se aproximavam dela apenas no toalete, caso precisassem de ajuda com seus vestidos. Mesmo sendo muitas vezes mais bonita do que as outras garotas do baile, Lizaveta não tinha permissão social para tirar os homens para dançar. Eles, por sua vez,

- ↗ **CAPRICHOS**: desejo impulsivo, sem lógica
- ↗ **ANCIÃ**: mulher de idade avançada
- ↗ **MÁRTIR**: sofredor, pessoa que se sacrifica muito
- ↗ **SERMÃO**: forte advertência verbal



somente a tiravam quando seus pares ainda não haviam chegado e, mesmo assim, para uma dança apenas, pois temiam ser **MAL-AFAMADOS**, caso demonstrassem interesse por uma garota de uma classe social inferior.

Dançar uma música era algo socialmente aceito como normal. Dançar dois ou mais temas já transferia ao par certa intimidade, um começo de compromisso que poderia virar namoro. Lizanka gostava muito do começo dos bailes, quando muitos rapazes ainda estavam sem seus pares e vinham dançar com ela. Porém, quando a festa já estava completa, ela ficava de canto, sozinha, vendo os jovens casais sorrindo e bailando, e ela ouvindo as queixas da Condessa.

### Capítulo 3

Hermann era filho de um alemão naturalizado russo. De seu pai, o jovem engenheiro do exército herdou uma pequena soma em dinheiro. Contudo, se negava a usar a herança e trabalhava duro para pagar suas contas e se manter. Esse estilo de vida não permitia luxos, mas Hermann não se importava muito com isso. Seu objetivo era juntar mais dinheiro para, então, com tranqüilidade e estudo, decidir aonde investir. O rapaz era muito criativo e tinha uma imaginação muito forte e ativa. Algumas vezes pensou em investir a herança em um negócio ou outro, mas sua firmeza de propósito sempre **PREVALECIA** e ele continuava vivendo de modo **ESPARTANO**.

Tal autodisciplina formou em Hermann uma personalidade fria, calculista. Por isso ele, um jogador **NATO**, nunca jogava cartas, apenas observava. Por isso ele não cometia os erros comuns da juventude. Não era dado a bebedeiras, não se atirava em grandes paixões e continuava repetindo para si e para os outros seu lema: “Não estou em condições de arriscar o necessário para ganhar o supérfluo”.

Toda essa determinação chegou ao limite quando o engenheiro ouviu a história da avó de Tomsy. O truque das três cartas causou uma grande impressão em sua imaginação. No dia seguinte ao jogo, Hermann não conseguia pensar em outra coisa: “Se... se a velha Condessa me revelasse esse segredo! Com toda a minha

- ✂ **MAL-AFAMADOS:** que tem má fama, má reputação
- ✂ **PREVALECIA:** predominava
- ✂ **ESPARTANO:** costumes severos, sóbrios e rigorosos
- ✂ **NATO:** que nasceu assim, congênito





observação do estilo de jogo dos outros e com o fato de meus adversários não saberem qual é o meu estilo e mais o **TRUNFO** de saber a tática da Condessa, eu vou ficar rico! Não vou perder nunca. Não vou ter mais desculpas para não jogar. Mas como posso fazer isso? Tenho de ser apresentado à velha. Ficar amigo dela. Fazer favores. Vou me tornar seu amante! Nossa, mas ela tem 87 anos! Não importa! Só o que importa é o segredo das cartas. Vou falar com Tomsy hoje mesmo, vou pedir para ele me apresentar sua avó. Eu invento qualquer desculpa, vai dar tudo certo.

Caminhando ao entardecer, Hermann foi se enuviando por pensamentos grandiosos e mesquinhos e quando viu estava em uma das principais avenidas da cidade. Mas a rua estava bloqueada por algumas carruagens de luxo, cavalos posantes, gente bonita entrando na casa de dois pisos. Oficiais da cavalaria, moças elegantes, vestidos de seda e botas bem lustradas desciam das carruagens e entram na casa, com sorrisos, cumprimentos e alegria.

— De quem é essa casa, amigo? — Hermann perguntou para o guarda da esquina.

— É a residência da Condessa Ana Fedotovna.

O coração do engenheiro balançou. Novamente a estranha história das três cartas se atravessava em sua vida. Caminhando **A ESMO**, perdido em seus pensamentos, Hermann tinha parado em frente à casa da Condessa, avó de seu amigo Tomsy. Foi o que bastou para que a imaginação do jovem galopasse de vez. Passou boa parte da noite caminhando e tendo idéias. Bolou dezenas de planos para se aproximar da Condessa. Quando chegou em casa, tentou dormir, mas o cérebro estava muito ativo. Ficou sonhando acordado por mais três horas e, quando o sono veio, no meio da madrugada, Hermann sonhou com cartas, maços de dinheiro, mesas verdes e montes de moedas.

Quando acordou, percebeu, triste, que sua riqueza **ONÍRICA** tinha sumido. Lavou-se, vestiu-se e, sem fazer o desjejum, rumou como um zumbi enfeitiçado até a frente da casa da Condessa. Estava **OBCECADO** para conseguir o segredo das cartas.

Ficou em frente à casa, do outro lado da rua, perdido em seus pensamentos. Sem reparar na beleza da manhã de prata. Apenas olhava para as janelas da casa. Em uma delas havia uma cabeça feminina com um **VIÇOSO** cabelo preto. O

- ✘ **TRUNFO**: segredo que leva à vitória
- ✘ **A ESMO**: sem rumo
- ✘ **ONÍRICA**: relativo aos sonhos
- ✘ **OBCECADO**: obstinado
- ✘ **VIÇOSO**: exuberante, cheio de vida

rosto estava curvado, provavelmente sobre um livro ou uma costura, pensou. De repente, o rosto se ergueu e Hermann viu as feições jovens e o par de olhos negros, e esse momento decidiu seu destino.

## Capítulo 4

No dia seguinte àquela manhã em que tinha visto o misterioso oficial de engenharia do exército, aproximar-se da janela passou a ser uma tarefa mais arriscada para Lizaveta. A jovem punha-se a ler, costurar ou bordar, como de costume, mas, já na primeira vez em que foi erguer a cabeça para descansar o pescoço e distrair a vista, seu estômago ardeu.

No mesmo lugar estava parado o mesmo oficial, com a mesma farda. Seus olhos olhando fixamente para a janela dela. Envergonhada, a moça voltava a baixar a cabeça e continuava seu trabalho. Tinha vontade de olhar de novo, mas tinha também **RECEIO**. Por um lado, não queria parecer muito **SALIENTE** e, por outro, tinha vergonha de se expor. Mas, após uns cinco minutos de tortura mental, decidiu dar uma olhadela rápida e seu coração gelou: lá estava o jovem oficial, fixo, na mesma posição, com o rosto voltado para a sua janela.

Confusa, ela baixou rapidamente a cabeça e retomou seu trabalho por duas horas **A FIO**. Concentrada em sua atividade, conseguiu esquecer o rapaz, até que o pescoço começou a reclamar da posição forçada e Lizaveta ergueu o rosto. Seu corpo inteiro tremeu ao perceber que o homem continuava lá, sempre a observá-la.

De súbito ela se levantou, guardou seu material de costura e bordado e desceu para o almoço. Após a refeição, ela se aproximou com alguma ansiedade da janela, mas o oficial não estava mais lá.

Dois dias depois, quando estava entrando na carruagem para um passeio com a Condessa, viu o oficial. Ele passou por ela na calçada. Embora estivesse frio e o homem tivesse o rosto parcialmente coberto por um cachecol de pele de urso e pela boina militar, pôde ver seus olhos. Sentiu-se perfurada pelo olhar dele, invadida por uma sensação nova e única para ela.

A partir desse episódio, não passou um dia sem que o misterioso jovem aparecesse na calçada, no local de costume. Entre os dois ficou estabelecida uma espécie de camaradagem mútua e silenciosa. Trabalhando em sua janela,

- ✎ **RECEIO**: dúvida seguida de medo
- ✎ **SALIENTE**: assanhada, saída
- ✎ **A FIO**: sem parar, ininterruptas





para aproveitar a luz da manhã, a moça começou a pressentir a chegada do militar misterioso e, quando erguia a cabeça, lá estava ele. Também o rapaz começava a tomar gosto pelo ritual. Ela percebia com seu olhar nítido de **DONZELA** que também o oficial era afetado pela emoção de trocar olhares com ela. Lizaveta via que as bochechas brancas do moço coravam um pouco, quando os dois se olhavam rapidamente. Após uma semana trocando olhares moderados e especiais, Lizanka começou a sorrir para o jovem.

Assim, os dias iam passando, a primavera ia deixando a mão do inverno e pegando na mão do verão, e a moça triste ia se descobrindo alegre e apaixonada. É claro que a Condessa reclamava do jeito aéreo da garota, mas ela não se importava mais com as broncas. Seu estado de espírito era tão leve que essas pequenas coisas do dia-a-dia não a atrapalhavam. Apenas um pequeno deslize a deixou preocupada:

— **BONJOUR, MADEMOISELLE** Lise — disse o jovem oficial Paul Tomsky entrando no quarto de sua avó. — *Bonjour*, vovó! Passei aqui porque preciso lhe perguntar uma coisa.

— Oi, meu neto querido! O que é que você quer me perguntar, Paul?

— Eu gostaria de lhe apresentar um amigo meu e pedir que você me deixe convidá-lo para o baile de sexta-feira.

— Então leve seu amigo ao baile. Lá você o apresenta para mim.

— Está bem.

— Posso saber quem é o cavalheiro que você vai apresentar à Condessa?  
— perguntou Lizaveta.

— É o Narumov. Você o conhece?

— Acho que não. Ele é militar?

— Sim.

— Por acaso ele é do corpo de Engenharia do Exército?

— Não, ele faz parte da Cavalaria. Mas por que o interesse? Você conhece algum oficial engenheiro?

Lizaveta sorriu sem responder à pergunta e a Condessa interrompeu a conversa dos jovens com um pedido para seu neto:

— Paul, preciso que você me traga um bom livro. Um romance. Mas, por favor, nada de me trazer essas porcarias escritas hoje em dia. Eu detesto esse estilo dos novos escritores.

↗ **DONZELA:** moça que ainda não casou

↗ **BONJOUR, MADEMOISELLE:** bom dia, senhorita, em francês

— Como assim, vovó?

— Não quero saber de livros onde o mocinho estrangula o pai ou a mãe. Também tenho horror de ler histórias com gente afogada.

— Certo vovó, vou escolher com cuidado um romance para você. Agora já vou indo. Até logo, vovó, até logo, Lizaveta Ivanovna.

Quando Paul saiu de casa, Lizaveta se sentiu mal. Porque havia entregue parte de seu segredo para o neto da Condessa. Paul era **FRÍVOLO** em assuntos amorosos, do tipo que gosta de comentar as relações dos outros e agora ele iria tentar descobrir quem era o oficial engenheiro por quem Lizaveta estava interessada.

A moça se culpava por ter perguntado quem era o amigo de Paul, mas a curiosidade foi muito grande. Ela tinha esperanças de que esse amigo fosse o “seu” engenheiro e que ela pudesse falar com ele no baile.

No dia seguinte, desanimada com o temperamento da Condessa, que havia cancelado outro passeio, Lizaveta tirou o chapéu e o manto e ficou sentada na cama com um ar de angústia. Mas logo se animou, quando a Condessa apareceu de súbito e ordenou que a carruagem fosse preparada, como se nada tivesse acontecido antes.

Quando o veículo estava em frente à casa e as duas se preparavam para entrar nele, viu o engenheiro parado ao lado da roda traseira do veículo. Ela e seu coração pararam por um momento. Ele se aproximou, pegou seu braço e a olhou com firmeza. Algo derreteu dentro da moça, seus joelhos tremeram, como se tivessem sido desparafusados. Sentiu que o jovem era bonito e que havia colocado um papel, um pequeno envelope em suas mãos. Ela escondeu a carta dentro da luva e entrou na carruagem. Aqueles quatro segundos tinham sido os mais intensos de sua vida.

No caminho, para interferir na alegria que a jovem estampava no rosto, a Condessa não parava de **IMPORTUNÁ-LA**:

— O que está escrito naquela placa?

— Quem é aquele senhor que acenou para nós?

— Qual o nome desta ponte?

Quase hipnotizada, Lizaveta respondia com **MONOSSÍLABOS**, de modo vago, com respostas absurdas:

✂ **FRÍVOLO**: fútil, leviano

✂ **IMPORTUNÁ-LA**: incomodá-la

✂ **MONOSSÍLABOS**: palavras com apenas uma sílaba





— Será que Paul vai se casar com aquela moça do baile? — perguntava a Condessa.

— Acho que chove amanhã — Lizaveta respondia, imersa em seus **DEVANEIOS**.

— Mas será possível isso? — reclamava a Condessa. — Você enlouqueceu? Você está bem, querida? Você consegue me escutar? Entende o que eu digo? Ou será que fui eu que enlouqueci?

Mas Lizaveta Ivanovna não a escutava mais. Só pensava em qual seria o conteúdo da carta. Só queria chegar em casa, trancar-se em seu pequeno quarto e ler a carta. Cheirá-la até. Queria saber quais eram as intenções do jovem que tanto a observava.

Finalmente em seu quarto, depois de um interminável passeio, Lizaveta puxou a carta de dentro da luva, com rapidez. Sentou-se na cama e começou a ler. Era uma declaração de amor. Carinhosa, respeitosa e traduzida, palavra por palavra, de um romance alemão. Mas Lizaveta não conhecia nada da língua alemã e ficou deliciada com a carta. Após a leitura ela havia mudado. Tinha entrado oficialmente em uma relação secreta e privada com um jovem desconhecido. Todavia, não gostava da firmeza dele. Não lhe parecia certo ficar todo aquele tempo a observando como um cachorrinho, sem vir falar com ela. Por isso ela estava confusa. Não sabia o que fazer. Não sabia se deveria se afastar da janela ou fechá-la. Não sabia se responderia à carta ou se encerrava ali aquela **INUSITADA** aproximação. Se respondesse a carta, não saberia o que escrever. Isso a deixava muito angustiada. Como seria bom ter uma grande amiga, de confiança, para poder contar tudo, para pedir conselhos. Mas não tinha, era sozinha.

Após refletir, decidiu responder à carta. Sentou-se na mesinha do quarto, pegou o papel e, segurando a caneta, pôs o cérebro e o coração a serviço da escrita. Começou várias cartas, todas foram rasgadas e os pedaços foram para o lixo. Nas primeiras tentativas se achou muito convidativa, depois achou seu tom muito frio, mas por fim conseguiu redigir algumas linhas com as quais se sentiu satisfeita:

*Estou convencida de que suas intenções são honráveis e de que você não pretende me causar mal com um comportamento imprudente, mas nossa aproximação não deve começar dessa forma. Assim, retorno a você sua carta e espero nunca ter motivo para me queixar desse desprezo desmerecido.*

↗ **DEVANEIOS:** fantasia, imaginação excessiva

↗ **INUSITADA:** fora do comum

No dia seguinte, assim que Hermann apareceu, Lizaveta levantou-se de seu local na janela, desceu as escadas, abriu a janela de ventilação do térreo e jogou a carta na rua, esperando que o jovem oficial a recolhesse. Hermann pegou a carta e caminhou até uma confeitaria, onde abriu o envelope. Reconheceu sua letra e depois viu a letra da moça. Leu a carta, sorriu como se já esperasse tal reação, guardou-a no bolso e seguiu seu caminho. Sua mente estava perdida nas possibilidades daquela **INTRIGA**.

## Capítulo 5

Três dias depois, uma garota de olhos claros, funcionária da chapelaria perto da casa da Condessa, entregou uma carta para Lizaveta. Em princípio a moça se assustou, pensou que era uma cobrança, mas logo reconheceu a letra de Hermann e sua ansiedade aumentou.

— Você se enganou, querida. Esta carta não é pra mim — disse Lizaveta, tentando evitar o contato com o engenheiro.

— É sim, o moço me indicou o endereço e me apontou você na rua. Gagnei um bom dinheiro para fazer a entrega. Por favor, tenha a bondade de lê-la.

Lizaveta passou os olhos na carta e viu que Hermann queria se encontrar com ela.

— Não pode ser! — gritou. — Esta carta certamente não é pra mim — falou, chocada com a audácia de Hermann em solicitar um encontro sem nunca antes ter falado com ela.

Irritada, rasgou a carta em pedacinhos.

— Se a carta não era para você, então pra que rasgá-la em pedacinhos, hein? — reclamou a garota. — Se a carta não era para você eu tinha de devolvê-la inteira, certo?

— Olha aqui, querida — disse Lizaveta, tentando controlar a fúria —, diga para a pessoa que lhe deu essa carta que ela deve se envergonhar do que escreve! E, por favor, não me traga mais nada dele aqui. Passar bem!

Mas Hermann não era homem de desistir facilmente. Todo dia Lizaveta recebia uma carta dele. Às vezes pelos correios, às vezes usando mensageiros e entregadores, Hermann sempre dava um jeito de driblar o bloqueio de Lizaveta.

✎ **INTRIGA:** enredo





Suas cartas agora não eram mais cópias. Agora o pretendente escrevia de próprio punho, colocando toda sua paixão, criatividade e imaginação a serviço de seus interesses. Aos poucos Lizaveta desistiu de rasgar as cartas, desistiu de devolvê-las e ia se intoxicando lentamente com as palavras e com a atenção do oficial. Não demorou para que começasse a responder às mensagens, cada vez mais longas e afetuosas. Até jogar para ele, pela janela, a última delas, aqui reproduzida:

*Esta noite haverá um baile na Embaixada. A Condessa vai estar lá. Devemos ficar no baile até as duas horas da manhã. Mas, se você seguir minhas instruções, poderemos nos encontrar hoje.*

*Quando a Condessa sair, provavelmente os **CRIADOS** também irão embora e você poderá entrar sozinho aqui na casa, sem que ninguém o veja. Ah, talvez o caseiro, o velho suíço, fique na casa dos fundos, mas ele sempre dorme por volta das dez horas.*

*Venha por volta das 11h30min, caminhe até a escadaria e vá para o andar de cima. Se por acaso você encontrar alguém na casa, pergunte pela Condessa. Vão dizer que ela foi ao baile e você se despede e vai embora. Mas fique tranqüilo, muito provavelmente você não vai encontrar ninguém. Quando chegar à sala, vire à esquerda e caminhe até a porta do quarto da Condessa. No quarto existem duas portas. A da direita vai dar no escritório da Condessa, mas ela nunca entra lá. A da esquerda se comunica com um pequeno corredor que vai até o meu quarto.*

A carta era assim, direta como um manual de instruções. Não continha nem uma saudação inicial nem uma despedida. Não tinha carinho nem afeto. Era um texto **IMPESSOAL**, pouco ou nada romântico. Uma carta **CONFIDENCIAL** com um objetivo claro: promover o encontro dos dois.

Hermann tremeu como um tigre enquanto esperava chegar a hora marcada. Às dez da noite ele já estava parado, quase em frente à casa da Condessa. O tempo estava horrível. Ventava muito e caía uma chuva de granizo. Pedras enormes se espatifando nos paralelepípedos e nas calçadas. Hermann se abrigava sob uma marquise. Não havia ninguém nas ruas e os postes de luz pareciam temer alguma coisa com suas luzes a óleo vacilando na escuridão.

Quando a tempestade de granizo virou neve, com grandes flocos, dois criados apareceram com a carruagem. Da **PENUMBRA**, Hermann viu a Condessa

- ↗ **CRIADOS**: pessoas que fazem serviços domésticos, empregados
- ↗ **IMPESSOAL**: sem se dirigir a uma pessoa em particular
- ↗ **CONFIDENCIAL**: secreto, sigiloso, privado
- ↗ **PENUMBRA**: parte escura de um ambiente claro-escuro



entrar no veículo, enrolada em um casaco de **ZIBELINA**. Depois viu Lizaveta. Seu vestido estava coberto por um manto que parecia ser bem quente e confortável. Em sua cabeça uma **GUIRLANDA** de flores frescas. A porta da carruagem se fechou e o veículo avançou pela rua, abrindo dois trilhos na neve que começava a se acumular.

O porteiro suíço fechou o portão e as luzes da casa se apagaram. Inquieto, Hermann caminhava para cima e para baixo na rua da Condessa. Depois de um tempo, sob a luz de uma lamparina, viu no seu relógio que eram onze e vinte. Passou dez minutos ali parado, sem tirar os olhos do relógio, acompanhando o rodar dos ponteiros, enquanto sua cabeça também parecia rodar.

Às 11h30min em ponto, Hermann começou a se mover. Pulou o portão da frente e abriu a porta da sala. Pisando com leveza, atravessou o ambiente. Em uma cadeira ao canto, um criado dormia pesadamente. Hermann procurava pisar nos tapetes, para fazer menos barulho e com rapidez chegou até a escada.

## Capítulo 6

Seguindo as instruções de Lizaveta, Hermann entrou no quarto. Uma pequena lamparina estava acesa. O oficial ficou impressionado com o ambiente luxuoso. Embora já tivessem uma boa idade, os móveis eram **SUNTUOSOS**. Havia grandes sofás e poltronas, divãs de veludo, estantes forradas de livros. As paredes exibiam enormes quadros. Hermann ficou olhando para uma jovem e elegantíssima mulher, retratada em uma das pinturas. Era a Condessa em sua juventude, nos anos que passou em Paris, na época em que havia aprendido o truque das três cartas. Truque que Hermann ansiava por aprender.

Sem refletir, movido apenas por sua ambição, Hermann examinava o quarto da Condessa com extremo silêncio e cuidado. Seus olhos penetraram na atmosfera escura e dourada do ambiente fracamente iluminado. Quase sem respirar, para não fazer barulho, Hermann vasculhava tudo com os olhos. Seu coração pulava como uma manada correndo e ele tinha medo que o barulho acordasse o criado lá embaixo. Quando reconheceu as duas portas, o engenheiro se acalmou.

- ✂ **ZIBELINA:** espécie asiática de marta, cuja pele era muito apreciada
- ✂ **GUIRLANDA:** arranjo de flores em forma circular
- ✂ **SUNTUOSOS:** luxuoso, que foi obtido com grande despesa





Uma dava no escritório da Condessa e a outra ia para a passagem até o quarto de Lizaveta. Mudando o trajeto planejado por Lizaveta, Hermann abriu a porta do escritório, onde entrou e ficou no escuro. Fechou a porta. A Condessa nunca entra aqui, pensou e sentiu-se seguro. Ficou parado no escuro pensando friamente no que fazer até que o relógio do quarto badalou doze vezes. Na primeira badalada pensou que seus ossos iam se desmanchar de medo e susto, mas depois voltou a se acalmar. À uma da manhã, o relógio não o assustou e às duas, o som forte tirou um sorriso do rosto do jovem, que continuava escondido no escuro do escritório da Condessa.

Logo escutou o ruído da carruagem vindo pela rua fria. Escutou as patas dos cavalos, um relincho, as vozes dos criados. Sentiu que a iluminação da casa aumentava, escutou vozes das empregadas da casa. Sentiu cheiro de café. Ouviu a porta do quarto abrindo, escutou Lizaveta e a Condessa conversando. Depois identificou os passos decididos de Lizaveta, entendeu que a garota tinha aberto a porta que dava passagem ao seu quarto. Deveria estar ansiosa, pensou Hermann, e por um breve momento sentiu-se culpado por não ter ido até o quarto dela como estava combinado. Mas logo esse sentimento, que considerou uma fraqueza, foi substituído pela sua ansiedade e pela expectativa de realizar seu objetivo principal.

No quarto, a Condessa dispensara as empregadas. Estava exausta do baile. Doía para ela admitir, mas estava ficando muito velha para manter o ritmo das festas na alta sociedade russa. Em frente ao espelho, a velha senhora despiu-se, pôs seu pijama, apagou as luzes principais do cômodo, que as empregadas haviam acendido e, sob a fraca luz de uma lamparina, acomodou-se na confortável poltrona perto da cama. Esticou as pernas e as apoiou sobre uma banquetela. Livrando-se dos sapatos sentiu um alívio nos dedos. Ficou alguns minutos apreciando o silêncio da noite, perdida em suas memórias cheias de cores, rostos, vestidos e músicas até que seus olhos se fecharam devagar. Sabia que sua falta de sono habitual não a deixaria dormir, mas gostava de repousar com os olhos fechados.

No escritório, o oficial imaginava Lizaveta entrando em seu pequeno quartinho. Imaginou a cara de decepção dela ao constatar que ele não estava lá. Chegou a sorrir ao pensar em qual seria a reação da moça se soubesse que seu pretendente estava escondido no escritório da Condessa, pronto para entrar em ação e mudar sua vida. Seus pensamentos mudaram de direção quando percebeu que a luz do quarto havia se apagado e que a casa voltava ao silêncio.

Com cuidado, Hermann abriu a porta do escritório e entrou no quarto. Logo viu a Condessa na poltrona e se aproximou dela. Quando chegou em frente à

velha senhora, Hermann tomou um susto: ela abriu os olhos. Os pêlos do engenheiro se arrepiaram e ele teve vontade de gritar, mas controlou sua voz e rapidamente tapou a boca da Condessa com sua mão esquerda. Ela arregalou os olhos. Seus braços tremiam. Acordar com um estranho no quarto não é nada tranqüilo.

— Não se assuste. Pelo amor de Deus, não fique com medo! — disse Hermann com uma voz baixa, porém firme.

A Condessa olhou para ele com **PAVOR** nos olhos, mas nada disse. Pensando que a velha senhora não o havia escutado, Hermann repetiu sua frase no ouvido dela. A Condessa **ASSENTIU** com a cabeça e o oficial retirou sua mão da boca da senhora.

— Escute, estou aqui porque a senhora pode mudar a minha vida. A senhora pode assegurar a minha felicidade. E o melhor é que isso não vai lhe custar nada!

A Condessa tinha uma expressão intrigada e assustada no rosto e Hermann continuava:

— Eu sei que a senhora conhece um truque. Sei que a senhora sabe como usar uma seqüência de três cartas invencíveis...

Hermann parou de falar quando percebeu que a expressão no rosto da Condessa havia mudado. Agora ela sabia do que ele estava falando:

— Isso foi uma piada, rapaz. Uma brincadeira muitos anos atrás — disse a Condessa com a voz **TENSA**.

— Não é possível. Não acredito. A senhora ajudou até o velho Tchaplitzy e agora não quer me ajudar!

— Eu posso lhe assegurar, meu jovem, aquilo foi tudo uma grande brincadeira — disse a Condessa tossindo.

— Por que você não me diz quais são as três cartas e quando usá-las, hein? Por quê?

A Condessa se mantinha quieta, temia a reação do rapaz e estava preocupada com a forte emoção que sentia.

— Por que ou para quem você está guardando esse segredo? Para seus netos não pode ser, pois já são todos ricos e não sabem o valor do dinheiro. Nunca tiveram de lutar para ter as coisas. São diferentes de mim, que sempre trabalhei duro e por isso sei como é difícil conseguir as coisas. Por isso você tem de me contar o segredo das cartas!

✂ **PAVOR:** grande susto

✂ **ASSENTIU:** concordou

✂ **TENSA:** com tensão, exigindo muito do corpo





A Condessa continuava quieta, mas seus olhos se arregalaram ainda mais quando Hermann se pôs de joelhos a seus pés, falando:

— Por tudo que há de mais sagrado, Condessa. Por toda alegria que seu coração de mãe, de avó e de mulher já sentiu nessa vida, eu lhe **ROGO**, por favor, revele o segredo das cartas para mim.

Mas a Condessa permanecia imóvel, com os olhos vivos e cheios de temor.

— Por favor, mulher! Diga-me, qual a importância que esse segredo tem para você? Você nem joga mais cartas! Revele esse segredo para mim e eu serei o que você quiser. Mesmo que traga com ele uma maldição, uma série de pecados, não importa. Eu estou pronto até para assumir seus pecados como meus, se você me disser qual é o truque.

Mas a Condessa, cada vez mais aterrorizada, nada respondia. Hermann continuava implorando, de joelhos:

— Condessa, a minha felicidade, a felicidade de minha futura esposa, de meus futuros filhos e netos está em suas mãos. Revele o segredo e você terá a minha **DEVOÇÃO** como se fosse uma santa. Revele o segredo para mim! — disse Hermann no volume máximo permitido pelo silêncio da noite.

Mas a Condessa não pronunciou nenhuma palavra e Hermann resolveu se levantar:

— Pois muito bem, sua velha **DECRÉPITA**. Se não fala por bem, vai falar por mal!

Com essas palavras ele sacou uma pistola do bolso do casaco. Ao ver a arma, a Condessa recebeu a segunda onda de choque nervoso da noite. Virou a cabeça e tentou se encolher na poltrona, como se assim se protegesse de um possível tiro.

— Ora, vamos, acabe com essa criancice e me diga o segredo!

Mas a Condessa não se movia.

— Vou perguntar pela última vez: quais são as três cartas?

A velha dama não respondeu, mas Hermann não precisou atirar. Tinha percebido que a Condessa estava morta!

- ✂ **ROGO:** suplico, peço
- ✂ **DEVOÇÃO:** dedicação, consagração
- ✂ **DECRÉPITA:** muito idosa e fraca

## Capítulo 7

Quando entrou em seu quarto, Lizaveta tinha o coração disparado. Não saberia direito o que fazer se o rapaz misterioso estivesse lá dentro. Acendeu a lamparina e constatou que o quarto estava vazio. Um misto de decepção e alívio percorreu seu corpo. Assim que chegou do baile, teve trabalho para convencer a empregada de que não precisava de ajuda para retirar seu vestido. A mulher ficou desapontada, pois havia acordado àquela hora só para isso. Lizaveta sentiu um pouco de vergonha de sua atitude. Mal tinha dado atenção à Condessa, só pensava em encontrar seu correspondente e agora ele a tinha deixado na mão.

Sentou-se na cama, ainda de vestido, e começou a lembrar dos últimos acontecimentos de sua vida. Não fazia nem três semanas desde que vira o jovem oficial pela primeira vez, através da janela, e já trocava cartas freqüentes com ele. E, nessas cartas, ele a havia induzido a convidá-lo para uma visita noturna! Teve raiva de si mesma, lembrando que nunca tinha ouvido a voz daquele rapaz. Que sabia que seu nome era Hermann só porque ele havia assinado algumas das cartas com esse nome e porque, no baile daquela noite, algo curioso havia acontecido.

Paul Tomsky, o neto da Condessa, um pouco irritado porque sua pretendente, a princesa Pauline, não o procurava com os olhos, resolveu tirar Lizaveta para dançar. Queria com isso causar ciúmes na princesa. Para tanto, dançava com Lizaveta, sem ao menos olhar para a princesa, assumindo um ar de indiferença e puxando conversa com a **TUTELADA** de sua avó.

Durante a dança, uma **MAZURKA** interminável, Paul procurou provocar Lizaveta. Paul queria saber mais sobre o interesse da moça pelos oficiais da engenharia, tudo porque dias antes a moça havia perguntado se um amigo de Paul era engenheiro.

— Eu sei muitas coisas que você não sabe, Liza — disse Paul.

Lizaveta se sentiu ameaçada. Era como se seu segredo, sua aproximação **SIGILOS**A com o oficial misterioso, tivesse sido descoberto.

— E quem lhe revelou essas “muitas coisas”, Paul? — quis saber Lizaveta.

— Um amigo meu, um sujeito muito distinto.

— E ele tem nome, Paul?

— O nome dele é Hermann.

↗ **TUTELADA**: protegida

↗ **MAZURKA**: dança tradicional da Rússia

↗ **SIGILOS**A: secreta





Lizaveta chegou a perder o passo na dança, enquanto Paul Tomsy continuava:

— Esse Hermann tem uma personalidade muito romântica, sabe. Posso dizer que ele tem o perfil de um **NAPOLEÃO** e a alma de um **MEFISTO**. Não duvido que não tenha pelo menos uns três crimes na consciência... Ei, você ficou tão pálida de repente!

— Desculpa, é que estou com dor de cabeça, mas pode me contar mais sobre esse Hermann. É esse o nome dele, certo? O que foi que ele disse?

— Ele me contou que um amigo dele se interessou por você! Mas não quis me dizer quem era. Disse apenas que não gosta dos modos desse sujeito. Disse que agiria de forma totalmente diferente se ele fosse seu pretendente.

— Mas o que o amigo desse Hermann faz? Ele contou? — queria saber Lizaveta, surpresa com essas notícias.

— Não, ele não quis dizer quem era.

— Mas quem será ele? De onde será que me conhece?

— Sei lá, talvez da igreja ou de algum baile. Só Deus sabe, Lizaveta. Mas o que eu acho mesmo é que Hermann, o meu amigo, está com ciúmes desse sujeito. Eu acho que Hermann também gosta de você, minha cara!

A conversa foi interrompida quando duas damas se aproximaram do casal perguntando:

— **ESQUECIMENTO OU ARREPENDIMENTO?**

Paul Tomsy escolheu a própria princesa Pauline e, em uma nova dança, se reconciliou com ela. Lizaveta voltou para a mesa onde estava a Condessa. Sentou-se e ficou pensando que o tal amigo de Hermann só podia ser o próprio Hermann. Ele certamente teria inventado o amigo para poder conversar sobre Lizaveta com Paul sem despertar muito a curiosidade do neto da Condessa.

Esse interesse de Hermann deixava Lizaveta **LISONJEADA**. Ela gostaria de ter continuado a conversa com Paul, mas agora ele não mais pensava na vida amo-

- ✘ **NAPOLEÃO:** Napoleão Bonaparte (1769-1821), imperador dos franceses entre 1804-1815
- ✘ **MEFISTO:** demônio erudito da tradição alemã
- ✘ **ESQUECIMENTO OU ARREPENDIMENTO:** brincadeira que era comum nos bailes da Rússia antiga. O homem deveria escolher dançar com uma das moças, a “esquecimento” ou a “arrependimento”
- ✘ **LISONJEADA:** elogiada

rosa da serviçal de sua avó. Estava mais concentrado em guiar os passos da jovem nobre pelo salão.

Sentada em sua cama, Lizaveta pensava na vida, ainda de vestido e com a guirlanda de flores na cabeça. De repente, viu a porta se abrir e gelou quando Hermann entrou no quarto.

— Onde você estava? — perguntou com uma voz de susto e sussurro.

— Saí agora do quarto da Condessa. E, e... Ela está morta!

— O quê? Meu Deus, o que você está me dizendo?

— O pior é que eu acho que a matei.

Ela o olhou aterrorizada e sentiu as palavras de Paul Tomsy ecoando em seu cérebro: “*Não duvido que não tenha pelo menos uns três crimes na consciência...*”. Hermann sentou em uma poltrona, perto da garota e contou tudo o que havia acontecido. Ela escutou com uma expressão de terror no rosto. Era quase inacreditável, pensava. Então todas aquelas cartas apaixonadas, todos os desejos ardentes, toda vontade de encontrá-la, tudo isso não tinha sido feito por amor, mas por dinheiro! Tinha sido usada por ele, para que pudesse ter acesso à casa da Condessa. Para que, em última análise, ele pudesse matar a velha indefesa. Sem suportar os fatos, Lizaveta começou a chorar. Lágrimas pesadas caíam de seus olhos negros.

Hermann a olhou em silêncio. Também seu coração estava exposto a fortes emoções. Contudo, não era o sofrimento da jovem que o **AFLIGIA**, nem a triste beleza da expressão dela contra a fraca luz da lamparina o sensibilizava. Tampouco sua consciência estava pesada por ter causado a morte de uma velha senhora. Apenas a perda irreparável do segredo das cartas e com ele a possibilidade de ficar rico é que entristeciam a alma endurecida do engenheiro.

— Você é um monstro! — Lizaveta disse, tentando controlar o rio selvagem de suas emoções.

— Eu não queria que ela morresse. Minha arma nem estava carregada!

Sem forças e ânimo para discutir, Lizaveta nada falou e ambos ficaram quietos por um bom tempo.

Quando começou a amanhecer, Lizaveta enxugou o rosto, levantou-se e apagou a lamparina. A luz pálida do início do dia entrava no quarto. Hermann permanecia sentado e tinha um **VINCO** na testa. Naquela pose, Lizaveta pensou que ele parecia mesmo um jovem Napoleão, como Paul havia dito e esse pensamento a deixou mais abatida.

↗ **AFLIGIA**: preocupava

↗ **VINCO**: ruga, marca





— Como eu faço para sair da casa? — ele disse, rompendo o silêncio.

— Pensei em te levar até uma escada secreta, que não usamos nunca, mas para isso teríamos de passar pelo quarto da Condessa e tenho medo de ir até lá.

— Então me diz como achar essa escada e eu vou sozinho.

A garota abriu uma gaveta, lhe entregou uma chave e explicou como chegar à escada. Ele a segurou com as mãos frias e fracas, beijou sua cabeça baixa e saiu do quarto. Passou pelo corredor e entrou novamente no quarto da Condessa. A velha continuava sentada. Parecia petrificada na **TÊNUE** luz do amanhecer. Seu rosto tinha uma tranqüilidade profunda. Por longos minutos, Hermann parou em frente a ela e observou, como se estivesse se convencendo do que havia feito. Depois, entrou no escritório e achou o alçapão no piso. Abriu e se enfiou na escada escura cheio de emoções estranhas. No térreo, Hermann encontrou uma porta que não era aberta há um bom tempo, seguiu por um estreito corredor que o conduziu a um beco lateral e de lá ganhou a rua.

## Capítulo 8

Três dias após a noite fatal, às nove da manhã, Hermann compareceu ao convento onde estavam sendo prestadas as últimas homenagens aos restos mortais da velha Condessa. Apesar de não sentir remorso, Hermann não conseguia se livrar da uma crescente voz de sua consciência, a repetir-lhe “*Você matou a velha! Você matou a velha!*”.

Hermann não era um sujeito religioso, mas, como jogador, acreditava na sorte e no azar. Era excessivamente **SUPERSTICIOSO** e, por acreditar que Condessa poderia exercer uma má influência em sua vida, resolveu comparecer ao seu funeral para se desculpar e implorar o perdão.

A igreja estava repleta. Familiares, amigos, religiosos e curiosos, boa parte da sociedade lá estava para despedir-se da Condessa. Foi difícil para o engenheiro abrir caminho em meio à multidão para aproximar-se do caixão. O **FÉRETRO** repousava sobre um luxuoso **CATAFALCO** coberto com veludo. Dentro do caixão aberto, a falecida Condessa estava deitada, vestida com uma elegante roupa de cetim.

- ✂ **TÊNUE**: fraca, delicada
- ✂ **SUPERSTICIOSO**: que tem superstição, crença em pequenos eventos que podem trazer sorte ou azar
- ✂ **FÉRETRO**: caixão
- ✂ **CATAFALCO**: palanque que sustenta o caixão



Em volta dela, os familiares e os serviços se reuniam em grupos separados. A maioria estava quieta. Alguns conversavam baixo. Ninguém chorava. Os netos e os bisnetos tinham uma expressão triste, mas, devido à idade da Condessa, sua morte foi recebida como algo natural. Para muitos membros da família, a velha anciã, mesmo quando viva, não parecia mais fazer parte do mundo *real* deles. Um reconhecido sacerdote realizou a cerimônia fúnebre. Seu sermão usou palavras simples e sensíveis para homenagear a morta.

Após o sermão, os parentes deram o último adeus para a anciã. Em seguida, os inúmeros convidados começaram a contornar o corpo para se despedir. Depois dos convidados, foi a vez dos funcionários. A última pessoa desse grupo era uma velha empregada da casa, quase da idade da Condessa, visivelmente abatida com a cerimônia. Quando ela deixou a área do caixão, Hermann decidiu aproximar-se.

Ajoelhou-se no mármore frio e ali ficou alguns minutos, quando levantou, tão pálido quanto a falecida, cambaleou e teria caído por cima da defunta se não tivesse se segurado na alça do caixão. Nesse momento lhe pareceu que a Condessa morta lhe **DARDEJAVA** um olhar zombeteiro e lhe piscava um olho. Assustado, Hermann soltou a alça, deu um passo em falso, para trás, e foi no chão. Lizaveta, vendo a cena, passou mal, já na saída da igreja. O episódio causou um **BURBURINHO** nos convidados, perturbando a formalidade da cerimônia.

No resto do dia, Hermann continuou estranho. Almoçou em um restaurante totalmente fora de sua rota diária e bebeu muito vinho, o que não estava acostumado a fazer. Esperava que a bebida pudesse lhe acalmar, mas o vinho lhe **SURTIU** um efeito contrário, deixando seu cérebro e sua imaginação ainda mais agitados. Chegando em casa, atirou-se na cama, sem ao menos despir-se e caiu em um sono pesado.

Quando acordou já era noite e a lua brilhava depois do vidro da janela. Seu relógio dizia que eram 15 para as três da madrugada. Estava sem sono agora. Sentou-se na cama e pensou no funeral da Condessa. Ela havia piscado mesmo para ele ou estaria louco?, pensou.

Foi retirado de suas reflexões quando, de canto de olho, notou que alguém da rua o observava. Olhou pela janela, mas não viu ninguém. Talvez fosse um bêbado, cambaleando pela rua, pensou. Quando ia ao banheiro lavar o rosto, escutou a porta da frente se abrindo. Escutou os passos. Eram lentos, leves. Pas-

- ↗ **DARDEJAVA:** lançava
- ↗ **BURBURINHO:** murmúrio, som de muitas vozes
- ↗ **SURTIU:** resultou, teve como consequência





sos de chinelos de dormir — concluiu alarmado. Correu até a sala, temendo estar sendo assaltado, torcendo para que fosse sua antiga empregada que, por algum motivo **INSÓLITO**, o estivesse visitando naquela hora, mas, quando chegou à sala, viu que era algo pior.

À sua frente, vestindo sua roupa branca de cetim, estava a Condessa:

— Vim lhe visitar contra a minha vontade — ela disse com voz firme. — Fui ordenada a realizar o seu pedido. Três, sete e ás são as cartas que o farão vencer se jogadas em seqüência, caso você respeite as três regras: jogue apenas uma vez nas próximas 24 horas, nunca mais volte a jogar pelo resto de sua vida. Eu lhe perdôo pela minha morte, mas você terá de cumprir a terceira regra: casar com a minha amiga Lizaveta Ivanovna.

Hermann, boquiaberto, não conseguiu falar nada. Apenas assistiu à Condessa dar-lhe as costas e caminhar em direção à porta até desaparecer. Depois escutou o portão da frente abrir e fechar e novamente sentiu que lhe olhavam pela janela da rua.

Sentou-se e ficou paralisado por vários minutos. Depois levantou e foi até o portão da frente: estava trancado. Tentou em vão acordar o porteiro, muito bêbado e sonolento. Voltou para casa, entrou no quarto e resolveu anotar tudo o que acabara de passar.

## Capítulo 9

Como dois corpos não ocupam o mesmo lugar no espaço, duas idéias também não podem coexistir no mundo moral. Assim, a seqüência de cartas “3, 7 e ás” tiraram a morte da Condessa da cabeça de Hermann. Agora ele só pensava nas cartas. Se, por exemplo, visse uma garota **DESLUMBRANTE** na rua, ele pensaria: “Que linda ela é, parece um três de copas”. Se visse algum sujeito **CORPULENTO**, pensava que era um ás.

As cartas o perseguiam em quase tudo. Elas assumiam formas diferentes e pareciam possuir as pessoas. Hermann viu flores que eram a carta três, viu portais

- ↗ **INSÓLITO**: incomum, anormal
- ↗ **DESLUMBRANTE**: que deslumbra, muito bonita
- ↗ **CORPULENTO**: forte, grande

**GÓTICOS** de igrejas e prédios antigos que eram *iguais* à carta número sete e viu aranhas que se transformavam em vários ases. Em meio às alucinações, só um raciocínio monopolizava sua mente e sua alma: lucrar e muito com o segredo obtido de forma tão cruel.

Pensou em ir até Paris e tentar a fortuna em uma das famosas casas de jogo da capital francesa. Mas tinha de jogar em até 24 horas, pelo que entendera da aparição da Condessa. Por isso optou por conversar com Narumov, que estava acostumado a organizar partidas, como a descrita no começo deste livro.

Narumov lhe contou que algum tempo atrás havia existido em Moscou uma sociedade de jogadores ricos, presidida pelo famoso Tchékalinsky, que passara toda a sua vida jogando cartas e havia acumulado milhões de rublos. Tchékalinsky era experiente e tinha fama de muito honesto, o que lhe ajudou a abrir o clube de jogadores ricos em Moscou. Seu jeito agradável e suas boas maneiras o fizeram famoso. Quando já havia ganho muito dinheiro, resolveu mudar para São Petersburgo, onde ainda recebia jovens jogadores da capital para partidas envolvendo boas somas.

— São jogos de cartas muito disputados — disse Narumov. — Os jogadores aqui preferem o carteadado aos bailes e as emoções do tapete verde ao flerte com as garotas da sociedade. Você tem certeza de que quer jogar?

Hermann estava decidido. A dificuldade lhe dava ânimo. Esperava limpar seus adversários e sair da mesa de jogo rico. Entraram em um ambiente luxuoso, uma espécie de cassino, repleto de empregados e apostadores bem vestidos. Havia generais, membros do governo e da nobreza jogando.

Narumov apresentou Hermann para um homem de cerca de sessenta anos de idade, elegantíssimo, com os cabelos cor de prata caprichosamente penteados para trás. O homem parecia ter um sorriso **PERPÉTUO** no rosto. Hermann apertou a mão de Tchékalinsky e seu destino começou a mudar mais uma vez.

Era uma partida difícil, Hermann enfrentava Tchékalinsky, um banqueiro e um coronel do exército. Vinha se saindo bem, super atento e motivado. Após anos apenas olhando, era a primeira vez que jogava e isso lhe dava um grande prazer. No começo da rodada final, Tchékalinsky apostou a quantia de cem rublos. O banqueiro e o coronel desistiram, mas Hermann comprou mais uma carta e disse:

— Eu acompanho sua aposta de cem rublos e aposto mais.

— E de quanto a mais seria sua aposta, senhor? — quis saber Tchékalinsky.

✂ **GÓTICOS:** com o estilo gótico, do povo godo

✂ **PERPÉTUO:** que não acaba nunca





— Quarenta e sete mil rublos, senhor — disse Hermann com confiança. Hermann está completamente maluco!, pensou Narumov.

— Deixe-me informá-lo, cavalheiro — começou Tchékalinsky com seu eterno sorriso —, que esta é uma aposta muito alta. Ninguém aqui nunca apostou mais que trezentos rublos de uma vez só.

— Certo, mas o senhor vai aceitar minha aposta ou não?

Com classe, Tchékalinsky **ASSENTIU** com a cabeça e acrescentou:

— Só gostaria de lembrá-lo de que as apostas nesta casa de jogo são pagas em dinheiro vivo. Confio em sua palavra, mas, para proteger os demais frequentadores da casa, peço que me mostre uma garantia de que pode pagar o valor apostado.

Hermann retirou de seu bolso um documento bancário que comprovava que ele dispunha do valor. O jogo prosseguiu e Hermann venceu lançando um três. Tchékalinsky **FRANZIU** a testa, mas manteve o sorriso no rosto e perguntou:

— Você quer receber agora?

— Sim, por favor.

De uma maleta, Tchékalinsky retirou cheques administrativos que Hermann poderia trocar por dinheiro no banco. Narumov estava **EXTASIADO**. Hermann tomou uma limonada no bar e foi para casa, tinha acabado de dobrar seu patrimônio.

No outro dia, Hermann voltou à casa de jogos. Tchékalinsky o recebeu com alegria e em pouco tempo estavam jogando com mais um oponente. Com um sete, Hermann venceu seus adversários e embolsou mais de cem mil rublos. Depois de embolsar o dinheiro de forma muito fria, foi para casa.

Na noite seguinte, quando apareceu na casa de jogos, todos os apostadores pararam seus jogos e suas conversas. Hermann era o centro das atenções e todos queriam acompanhar sua partida contra Tchékalinsky. Desta vez, apenas os dois dividiam a mesa de jogo. Apesar de pálido, o famoso jogador ainda sorria. As cartas foram embaralhadas e distribuídas. No auge da partida, os dois adversários mostraram suas cartas. Sobre a mesa um ás e uma dama.

— Meu ás de espadas venceu! — gritou Hermann mostrando sua carta.

— Não, Hermann — disse Tchékalinsky de modo muito educado —, sua dama de espadas perdeu.

- ↗ **ASSENTIU**: confirmou, concordou
- ↗ **FRANZIU**: enrugou
- ↗ **EXTASIADO**: assombrado, pasmado

Hermann olhou e, realmente, a carta que ele havia jogado era uma dama de espadas, não um ás. Ele não acreditava no que via. Tinha perdido tudo. Estava tão certo de que possuía um ás, mas na verdade tinha uma dama. Olhando para a dama de espadas, por um momento, lhe pareceu que ela lhe sorria ironicamente, chegando até mesmo a piscar para ele, em uma lembrança marcante...

— A velha Condessa! — exclamou com a voz engolida de terror.

Tchékalinsky recolheu seu dinheiro e Hermann ficou sentado e curvado na cadeira por um bom tempo, paralisado. Quando saiu dali, todos na casa de jogos tinham pena dele.

— Foi uma partida brilhante — disse um general para Tchékalinsky e, aos poucos, a rotina das mesas voltou ao normal.

\*\*\*

Atualmente Hermann está fora de si, confinado ao quarto 17 do Manicômio Oboukhoff. Não responde a nenhuma pergunta que lhe é feita, mas constantemente repete com rapidez incomum as palavras “três, sete, ás! Três, sete, dama!”.

Lizaveta Ivanovna casou-se com um jovem amável, filho de um ex-administrador da Condessa. Ele trabalha para o governo em um cargo bem remunerado, dando a Lizaveta a possibilidade de ajudar seus parentes mais pobres.

Paul Tomsy foi promovido a capitão e se casou com a princesa Pauline.



## ROTEIRO DE LEITURA

- 1) Onde e quando se passa a história?
- 2) Existia internet, fax, telefone na época da história? Como as pessoas se comunicavam a distância?
- 3) As moedas de dois países são citadas nesta estória. Quais são elas? Aproveite para pesquisar quais são as moedas dos seguintes países: Venezuela, Quênia, China, Nova Zelândia e Cuba.
- 4) Qual personagem disse “Não tenho condições de sacrificar o necessário na esperança de ganhar o supérfluo”? Você concorda com essa idéia?
- 5) Por que a Condessa resolveu pedir dinheiro ao Conde de Saint Germain, que era seu amigo há apenas um dia e não a outros amigos de longa data?
- 6) O que é mais importante: ter muita beleza ou muitos amigos? Por quê?
- 7) A Condessa tinha sido uma mulher muito bonita, mas lamentava ter perdido sua beleza na velhice. Escreva duas ou mais coisas que você tem hoje e que ainda vai querer ter quando tiver 87 anos. Compare sua resposta com a dos colegas.
- 8) Que tipo de roupas os personagens usavam para se proteger do frio? Qual a diferença do material dessas roupas com as que você usa?
- 9) Pense em como Lizaveta se apaixonou por Hermann e depois cite algumas diferenças entre o namoro na época da história e o de hoje.
- 10) Qual a diferença do baile mostrado no texto com os bailes *funk* de hoje?
- 11) O que Lizaveta sentiu por Hermann era amor ou paixão? Justifique sua resposta.
- 12) De que tipo de história a Condessa gostava? Ela gostaria de sua própria história?
- 13) Hermann queria muito saber o segredo da condessa. Você já passou por uma situação parecida? Houve algo que você quis desenfreadamente? O que foi? Como você fez para conseguir alcançar o seu desejo? Será que você magoou alguém para satisfazer seu desejo?
- 14) Como Lizaveta ocupava seu dia? O que ela gostava de fazer? Pergunte para sua avó o que ela fazia para se divertir quando era moça e compare com o que fazia Lizaveta.



15) Por que Lizaveta ajudou Hermann a sair da casa mesmo sabendo que ele era o assassino?

A ( ) Ela teve medo de também ser assassinada.

B ( ) Ela estava apaixonada e não queria que ele fosse preso.

C ( ) Ela teve medo de ser acusada de cúmplice do assassinato.

D ( ) Outra alternativa. Qual? \_\_\_\_\_

16) Hermann pensou ter visto o cadáver da Condessa sorrir e piscar para ele. Você acha isso possível? Há alguma explicação para isso?

17) Qual foi a parte do texto que você achou mais interessante? Por quê? E a menos interessante, qual foi? Por quê?

18) Leitor Crítico — Com a ajuda do professor ou da professora, faça uma seleção dos pontos positivos e negativos (questão 17). Depois, envie a opinião de sua turma sobre esta obra por *e-mail*, diretamente para o autor, no endereço [rodrigoec@gmail.com](mailto:rodrigoec@gmail.com). Suas críticas vão nos ajudar a conhecer melhor os leitores e a melhorar nosso trabalho.

19) Forme um grupo de três ou quatro alunos, escolha uma passagem da história e faça uma pequena apresentação teatral para o resto da turma.

20) Forme uma frase usando as palavras Lizaveta – nato – donzela – paupérrimo.



## BIOGRAFIA DO AUTOR

Alexander Sergeyevich Pushkin foi um dos maiores poetas da Rússia e o primeiro a conseguir fama internacional, mesmo escrevendo em sua língua materna. Antes dele, muitos autores russos escreviam em francês e alemão para conquistar leitores fora do país. Considerado um escritor versátil, Pushkin é tido por muitos críticos como o fundador da literatura russa moderna.

Pushkin nasceu em 1799, em Moscou, em uma família de nobres, mas seus poemas incomodavam a censura imperial dos czares e Pushkin foi preso várias vezes em função do que escrevia. Para burlar o censor do czar Nicolau I, Pushkin fingia que alguns de seus textos eram traduções de antigos textos em Latim.

Embora sua prosa não seja muito extensa se comparada à poesia, os contos de Pushkin têm lugar de destaque na literatura russa. Sua peça teatral *Boris Godunov* foi transformada em ópera pelo compositor Modest Mussorgsky (1835-1881) e é até hoje uma das óperas mais admiradas da Rússia.

A texto *Dama de Espadas* foi escrito entre 1833 e 1834 e retrata a vida da sociedade russa no século XIX, uma época pré-industrial, em que a diversão burguesa incluía os jogos de cartas e os bailes. Os irmãos Peter e Modest Tchaikovsky fizeram uma adaptação da história e a transformaram em ópera no ano de 1890.

Pushkin morreu em 1837, dois dias após duelar contra Georges d'Anthès, acusado de ser amante de sua mulher.

